

Versão Online ISBN 978-85-8015-093-3  
Cadernos PDE

VOLUME I

OS DESAFIOS DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE  
NA PERSPECTIVA DO PROFESSOR PDE  
Artigos

2016

# **GALERIA VIRTUAL DE ARTE: a memória e o museu no cotidiano escolar**

GONÇALVES, Jucélia A. R.<sup>1</sup>

PETERS, Ana Paula<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este artigo refere-se aos resultados sobre uma experiência de intervenção pedagógica realizada no Colégio Estadual Paula Gomes, no primeiro semestre de 2017, na cidade de Curitiba. Ao se utilizar a tecnologia e suas linguagens no ensino da Arte, procurou-se através da criação de um blog, abordar o tema de resgate da memória do patrono da escola. O objetivo foi o de promover a memória coletiva e individual, bem como ressaltar a sua importância no processo de construção e ainda valorizar a identidade escolar e reforçar o sentimento de pertencimento. Conta-se com a fundamentação teórica de autores como Le Goff, Maurice Halbwachs, na área da Historiografia, além de Canclini, Martins, Aristimunha, entre outros que contribuem para refletir sobre os museus como lugares de memória por excelência, além de destacar o papel destes espaços na formação cultural dos estudantes. Ao finalizar a implementação, os resultados dos trabalhos produzidos em sala de aula podem ser apreciados no blog<sup>3</sup>. Um ambiente virtual para divulgar, preservar e refletir sobre memórias.

Palavras Chave: Memória. Museu. Blog. Exposição. Escola.

## **INTRODUÇÃO**

O presente artigo aborda os estudos realizados para o Programa de Desenvolvimento Educacional da Secretaria de Estado de Educação do Paraná – PDE, que engloba um projeto de pesquisa de intervenção pedagógica na escola e a elaboração de um material didático-pedagógico, organizado em forma de Caderno Pedagógico intitulado: “Galeria virtual de Arte: a memória e o museu no cotidiano escolar”.

A implementação do projeto ocorreu no primeiro semestre de 2017, no Colégio Estadual Paula Gomes, bairro Santa Quitéria, em Curitiba (Paraná). Conta também com as contribuições de professores que participaram do Grupo de Estudo On-line (GTR), no período de abril a junho de 2017, que relataram suas experiências

---

<sup>1</sup> Professora de Arte da Secretaria de Estado da Educação do Estado do Paraná. Graduada pela Faculdade de Artes do Paraná. Especialista em Leitura de Múltiplas Linguagens pela PUC/PR e em Museologia, pela EMBAP/PR. Contato: [juribeirogon@gmail.com](mailto:juribeirogon@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutora em História pela Universidade Federal do Paraná, orientadora do PDE pela UNESPAR, campus Curitiba I – EMBAP, na qual é professora adjunta. Contato: [anapaula.peters@gmail.com](mailto:anapaula.peters@gmail.com)

<sup>3</sup> Blog: <https://galeriaartenaescola.blogspot.com.br/>

e analisaram a relevância do projeto, bem como a possibilidade de aplicação desse material em sala de aula.

O tema da pesquisa, sobre a memória e o museu no cotidiano escolar, teve como intuito contribuir com a formação cultural dos estudantes. Assim, o objetivo foi promover o resgate da memória do patrono do Colégio Estadual Paula Gomes e ressaltar a importância da memória coletiva e individual na construção da identidade. Procurou-se também refletir sobre a função social do museu, das práticas museais e sua relação com a preservação da memória e dos bens culturais da humanidade.

Propôs-se o uso da Tecnologia como meio de ofertar novos meios de ensino, como uma ferramenta pedagógica que vem auxiliar o diálogo entre professores e estudantes no ensino e aprendizagem da disciplina de Arte. Autores como Viana (2010), Bastos (2008) e Biasuz (2014) apontam justamente a necessidade da escola em fazer uso destes recursos como instrumento de interação e construção coletiva de conhecimento. Neste projeto propôs-se o *blog*, pois o mesmo não requer muitos conhecimentos específicos de informática para o seu uso e criação, além de serem oferecidos gratuitamente por alguns sites, ainda permitem o acesso rápido através de *smarthphones* e *tablets*.

O *blog* foi criado em 27 de fevereiro de 2017, no endereço virtual: <https://galeriaartenaescola.blogspot.com.br/2017/02/>, inicialmente com a proposta de ser um atrativo para se discutir o tema desta pesquisa. Ou seja, um espaço para a produção e divulgação de uma exposição virtual relativa ao resgate da memória do patrono da escola. Além de ser um espaço para a troca de ideias e experiências, que levaram a refletir sobre a memória e a sua relação com a história, com o colégio, com a comunidade e uma autorreflexão como partes integrantes deste todo. O termo galeria veio como inspiração a partir do Hino da escola, que em um trecho comenta: “Um símbolo, Paula Gomes, fulgura por tradição, **na galeria dos nomes**, que temos no coração” (FRANÇA, 2012, p. 12 ). Desta forma, se fez necessário, em primeiro lugar, o resgate da memória sem uma visão nostálgica, mas como forma de construção da própria identidade. Afinal, “lembrar é uma forma de reconhecer-se.” (YUNES, 2002, p.28 ).

O referencial teórico auxiliou na discussão sobre a memória coletiva, sobre os conceitos referentes aos museus na atualidade, assim como as questões que o

envolvem e o seu papel na preservação da memória coletiva. Sobre a corrente da historiografia conhecida como Nova História, Le Goff (1996) destaca a importância desse tipo de memória ao longo da história da humanidade. Ao abordar o tema com os alunos e comunidade escolar, procurou-se despertar esse novo olhar sobre a memória e de como ela é um rico conteúdo para se falar a respeito dos monumentos, de cultura e de certa forma de nós mesmos. Para pensar sobre o museu e seu importante papel social e educativo, contou-se com o pensamento de Canclini (1998) e Martins (2008) na construção de uma abordagem crítica a este respeito. Pois na atualidade, a museologia não deve somente preocupar-se com a preservação e exposição dos bens, sobretudo deve ter como foco a relação entre o sujeito e os bens culturais dentro do espaço do museu.

## **1. A PROPOSTA DO USO DAS TECNOLOGIAS EM SALA DE AULA**

O uso das tecnologias, como um recurso pedagógico, oferece novos métodos de ensino que se aproximam do universo no qual os alunos estão inseridos. No contexto atual, a sociedade está conectada às mídias, alterando de forma significativa não somente os hábitos, mas também a forma de dar significado e entender o mundo. Com a globalização e a integração mundial das redes de informação e comunicação, faz-se necessário a compreensão dessa nova forma de pensar e se relacionar com o mundo.

A cada dia surgem novos conceitos e termos que auxiliam no estudo das Tecnologias Digitais de Informação e de Comunicação (TDCI). Como exemplo, os que foram nominados por Levy (2000), de ciberespaço e cibercultura. Para ele:

O ciberespaço (que também chamarei de “rede”)<sup>4</sup> é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial de computadores. O termo especifica não apenas a infra-estrutura material de comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ele abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo.[...] a cibercultura é o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolveram com o crescimento do ciberespaço. (LEVY, P., 1999, p.17)

---

<sup>4</sup> Grifo do autor

Neste sentido, a instituição escolar, como forma oficial de ensino, tem o dever de acompanhar as mudanças que acontecem ao seu redor, em sincronia com as tecnologias atuais. Ampliaram-se as formas de conhecimento e já não basta mais saber apenas ler e escrever na linguagem verbal, mas também proporcionar uma educação que possibilite a organização, expressão e produção de uma forma diferenciada, através de diferentes linguagens: verbal, escrita, imagens, vídeos, animações, etc...

Crianças e jovens, numa faixa etária entre 9 e 16 anos, estão navegando pelo mundo cibernético, descobrindo e deslumbrando novos meios de comunicação e informação, sendo que a maioria deles, acessa, principalmente, as redes sociais. Divertem-se com jogos, publicam fotos e mensagens, na maior parte das vezes, acessando a internet por meio de celulares, de modo individual e isolado, sem o acompanhamento de um responsável, vulnerável a todo tipo de conteúdo das *webs*. Desta forma, faz-se necessário, que tanto os responsáveis como a escola saibam lidar com essas novas questões que envolvem a educação. A instituição deve promover práticas pedagógicas que planejem, inserem e reflitam a respeito do uso das tecnologias, suas funções e linguagens, tendo em vista uma aprendizagem ampla, crítica, criativa e inovadora. (VIANA, 2012)

## 1.1 Arte e tecnologias

A Arte é uma linguagem que dialoga com as tecnologias e, na sala de aula é uma poderosa aliada nos processos de criação ou de reflexão sobre a Arte. Os recursos e técnicas artísticas estão em constantes transformações e tendem inclusive a instigar a utilização e surgimento de novas tecnologias.

Pimentel (2002) comenta sobre a necessidade da Arte em extrapolar o comum e fazer uso dos recursos que estão disponíveis. A tecnologia em Arte não é algo inovador, pois em todos os tempos, os artistas estavam em diálogo com a sua época, e muitas vezes anteciparam novos conceitos. Ela cita, por exemplo, a fotografia e o cinema que, para serem considerados Arte, percorreram um longo caminho. Infelizmente destaca que o uso de novas tecnologias na escola não

acontece em compasso com o seu tempo, demorando em acompanhar as novas tendências. Porém, ressalta que apenas fazer uso destas novas ferramentas não são suficientes para propiciar o aprendizado em Arte. Para isto, se faz necessário, além da formação do professor, conhecer os instrumentos e potencialidades do seu uso, como também requer um planejamento e escolha do melhor meio de expressão de cada recurso. Ter em mente que estas tecnologias são apenas um dos meios para se desenvolver a construção do saber. Deve ser um meio, tanto para o aluno como o professor, de fazer uso de práticas contemporâneas de pensar e produzir Arte.

Dentre os muitos recursos digitais que possibilitam o uso destas tecnologias nas aulas de Arte, temos o *blog*. Esta é uma das ferramentas populares entre os usuários da internet, tendo já conquistado seu espaço por aqueles que pretendem fazer um trabalho autoral. Para Biasuz (2014), o *blog* oferece um espaço de intensa discussão e interação, não somente informação, permitindo o exercício de uma escrita crítica e reflexiva. E para a finalidade dessa pesquisa, vale ressaltar, outro aspecto, já que o *blog* possibilita organizar e registrar os conteúdos de modo cronológico, pois o armazenamento destas informações e interações fica registrado nos *posts* ou *fóruns*. O que será de extrema importância ao se pensar em memórias, pois será possível a preservação das produções que foram realizadas em sala de aula e posteriormente expostas no ambiente virtual.

O questionamento que se fez para a realização desta pesquisa foi: “Como o *blog* pode ser utilizado pelos professores de Arte?” Biasuz (2014) argumenta que esta ferramenta é um recurso de extrema valia, com um grande potencial criativo e que tende a se tornar uma inovação educativa nas aulas de Arte, pois possibilita diversas formas de uso, com novas escritas intertextuais, publicação de experiências e registros sejam eles através de vídeos, fotográficos ou escritos, etc. Desta forma, o blog foi o espaço, como uma galeria virtual de arte, o ambiente em que as imagens puderam e podem ser apreciadas, não somente pelo coletivo escolar, mas no espaço cibernético por um público mais amplo e curioso. Além de oferecer acesso e consulta aos arquivos cronologicamente.

## 2. A MEMÓRIA COLETIVA

Falar de memória, a princípio, não remete diretamente a Arte, ou não é um tema muito abordado pelos professores desta área. Mas, afinal, de que forma ela pode ser trabalhada em Arte? Para compreender a importância do uso da memória e a forma como ela pode operar dentro da sociedade, é preciso ter claro qual é o ramo de estudo que será enfatizado. A memória coletiva, utilizada para esta nossa pesquisa, é objeto de reflexão da Nova História, uma corrente da historiografia francesa do final do século XX. Le Goff (1996, p.423), um dos seus representantes, destaca que: “A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-se em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas” e está relacionada à psicologia, neurofisiologia, psiquiatria, entre outras áreas.

O sociólogo francês Maurice Halbwachs também propôs reflexões a respeito da memória. Em seu livro: “*Les Cadres sociaux de la mémoire*”, de 1925, ele apresentou a memória construída em grupo e as lembranças, pertencentes ao coletivo em que se estão inseridas. As memórias são construções dos grupos sociais, mesmo quando o indivíduo não tenha vivenciado o fato. A memória individual e a coletiva estão interligadas, mas se distinguem, de acordo com Halbwachs (1990), pois a memória individual carrega traços da memória coletiva, da convivência com o grupo social a qual pertence, colaborando na formação de sua memória, que não é isolada e fechada, mas utiliza ideias e palavras que toma emprestado da memória dos outros para evocar seu próprio passado.

Para o autor, a memória não conserva o passado, mas a reconstrói a partir do presente. E por mais que uma lembrança seja pessoal, ela está em consonância com o conjunto de valores sociais. Ressalta ainda que, não é suficiente para a preservação da memória passada de um grupo somente ser lembrada, é necessário que ela seja transmitida para os mais jovens. Assim, a preservação da memória de uma comunidade ou de uma nação não se dá através da coerção ou dominação, mas pela adesão afetiva ao grupo de pertencimento, que Halbwachs chama de comunidades afetivas (Halbwachs, 1990, 54-91).

## 2.1 Lugares de memória

Para inserir o tema da memória em sala de aula, foi escolhido o nome do patrono do colégio como fio condutor do pensamento. Ele foi procurado em lugares da memória como o hino da escola, objetos, documentos, imagens, ou seja, no maior número possível de suportes e testemunho da história de um grupo escolar. Buscando o que cada uma destas fontes invocava, representava e o que se pode aprender com elas. Seguindo o pensamento de Aristimunha (2005), necessita-se de estímulos do presente para construir a memória, seja um cheiro, uma emoção, uma imagem, palavras, gestos, enfim, algo que nos remeta a uma lembrança, a uma experiência do passado. A memória tem uma finalidade muito mais ampla, daquela de simplesmente nos remeter ao passado, ela cria o sentimento de pertença.

Assim, ao se homenagear uma personalidade da história do Paraná para nomear uma instituição escolar, evidencia-se a celebração como meio de mantê-lo na memória coletiva. Neste sentido, Le Goff (1996, p. 426) comenta "[...] Tornarem senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas". No cotidiano escolar, observa-se que poucos sabem de fato, quem foi o patrono da escola. E o que de fato pode-se aprender com este personagem da história do Paraná, sua época e aspectos culturais, políticos e sociais que vivenciou.

Ao ampliar o conhecimento sobre o tema, Le Goff (1996) auxiliou na compreensão da memória coletiva ao longo da história da humanidade. Desde as civilizações ágrafas, em que a memória do grupo era preservada e perpetuada através da oralidade, perpassando toda a história até a atualidade, com a criação da memória eletrônica, no século XX. Invenção esta que mudou de modo significativo o desenvolvimento da memória. Ao abordar o tema com os alunos e a comunidade escolar, o intuito foi despertar um novo olhar sobre a memória e de como ela é um conteúdo rico para se falar a respeito dos objetos, dos monumentos, de cultura e um momento de autorreflexão.



## 2.2 O museu como lugar de memória

Cada objeto exposto em um museu, galeria ou exposições em geral, está repleto de memórias e valores culturais, afetivos e históricos. A ida a esses espaços são experiências que não podem ser substituídas e deveriam estar acessíveis ao maior número de pessoas. Martins (2008) reforça, inclusive, a importância da primeira visita a uma exposição seja ela, artística, histórica ou científica. O contato, o olhar, a luz, as cores, as texturas, a relação espacial, enfim, a experiência sensorial é muito rica. A preocupação de museólogos, do setor educativo e dos curadores, é justamente conceber exposições que possibilitem esse encontro sensível entre a obra e o espectador. Exposições que seduzam poeticamente o visitante, que o estimule emocionalmente, mas também que leve à reflexão artística.

O contato dos estudantes com os espaços museológicos é fundamental na formação cultural destes e um direito como cidadão. Todavia, é necessário ir além destes momentos esporádicos, que em algumas escolas nem acontecem, por falta de recursos para o transporte ou por não ter espaços culturais ou museológicos em suas cidades. É cada vez mais urgente a necessidade de políticas que busquem a parceria entre museus e escolas, pois são poucas as iniciativas que de fato se preocupam e investem na formação de um público que se habitue e incorpore a prática de visita a museus de modo significativo e natural.

Na atualidade, Nascimento aponta que “[...] qualquer objeto ou ação tornou-se passível de musealização, o que permite a democratização, a participação e preservação de sua identidade” (2001, p.01). Portanto, tão importante quanto ir aos museus é ter acesso aos significados que estes objetos possuem: O que eles têm a dizer, qual sua relação com os sujeitos hoje.

Canclini (1998) aponta que, de acordo com várias pesquisas realizadas na América Latina e em outras partes do mundo, descobriu-se que as pessoas que usufruem dos bens culturais e artísticos são uma minoria. A pesquisa revela que o perfil daqueles que visitam os museus habitualmente, bem como teatros e cinemas é formado por um pequeno grupo, com nível superior e situação econômica alta e média. Na América Latina essa situação se agrava, pois as prioridades são outras e a formação escolar e a situação econômica da grande população são precárias.

Em um dos artigos publicados pela revista *Museum*, ligada a UNESCO mostra a preocupação em incentivar e promover ações que ampliem a todas as camadas da sociedade o acesso aos bens culturais. Canclini (1998) elogia as propostas do museu itinerante que leva em ônibus ou vagões de trem as coleções de arte até o povo, bem como exposições em fábricas, sindicatos, na tentativa de atingir públicos em locais mais distantes ou que nunca tiveram a oportunidade de conhecer os museus. Porém os desafios são enormes, tendo em vista os problemas sociais e culturais envolvidos nesta questão, pois não se trata apenas de ampliar o acesso ou mesmo promover a divulgação em massa com a finalidade de atrair o público, pois a compreensão das obras e influir na sensibilidade estética requer também a educação estética, problema este que não está restrito apenas a uma classe social, sem contar que “a simples transferência de obras concebidas e sacralizadas como são as salas-dedicadas-à cultura, não podem modificar a função elitista dessas obras, nem a concepção das relações arte-espectador que lhes deram origem”. (CANCLINI, 1984, p. 136).

O grande desafio será então superar o distanciamento entre museu e público, tanto no aumento do número de frequentadores como no acesso ao conhecimento e compreensão das obras de arte. O simples acesso aos bens culturais não soluciona os problemas envolvendo a educação. Neste sentido, a função mediadora de propiciar encontros sensíveis e significativos em um museu ou exposição é atribuída aos profissionais de museus como os museólogos, curadores e educadores.

### **3. O RESGATE DA MEMÓRIA DO PATRONO DA ESCOLA – IMPLEMENTAÇÃO DO PROJETO**

O trabalho em sala de aula iniciou-se em março de 2017 e envolveu estudantes na faixa etária entre 13 e 17 anos. Eles estavam inseridos no 9º ano do Ensino Fundamental, do período integral, e na 1ª série do Ensino Médio, do Colégio Estadual Paula Gomes, situado no bairro Santa Quitéria, em Curitiba (Paraná).

Inicialmente, buscou-se descobrir o que sabiam a respeito de Francisco de Paula e Silva Gomes, o patrono da escola. Verificou-se que alguns já tinham um

conhecimento prévio, pois haviam participado da disciplina de componente curricular sobre Patrimônio Histórico, no ano anterior. Desta forma, procurou-se ampliar essas informações através da pesquisa bibliográfica na sala de informática, para verificar o que havia na rede sobre o patrono. Constatou-se que praticamente não havia material, o mesmo acontecendo na biblioteca da escola, onde somente tinha algumas informações sobre a biografia de Paula Gomes no Plano Político e Pedagógico da Escola (2012). Em nenhuma delas havia a referência às fontes de pesquisa, o que prejudica a autenticidade e verificação das informações. A pesquisa realizada na Casa da Memória foi muito importante para os nossos estudos, pois o acesso a textos de importantes historiadores paranaenses como Romário Martins, David Carneiro, Júlio Moreira e do Departamento Estadual de Arquivos Públicos (DEAP) enriqueceram a prática, dando um importante embasamento histórico para o trabalho. Com a coleta do material construiu-se um mapa conceitual com as principais informações a respeito da época e da relevância histórica do patrono da escola. O Caderno Pedagógico<sup>5</sup> foi o suporte para o desenvolvimento do estudo, seguindo as etapas previstas e também adaptando algumas atividades de acordo com o perfil da turma, as condições de trabalho e tempo de aplicação.

Durante o estudo foi importante observar que o tema englobava várias áreas do conhecimento e como é viável relacioná-las para fazer um trabalho interdisciplinar. Aspectos da História, da Geografia, como: tamanho da cidade de Curitiba, número de habitantes, o vestuário, as condições econômicas e os costumes da época, mostravam como é necessário que se procure cada vez mais em realizar atividades interdisciplinares. Nelas, a curiosidade dos alunos e seus questionamentos enriqueceram muito o trabalho.

A criação do retrato do patrono envolveu, primeiramente, a observação e análise de obras existentes, o apreciar e o fazer artístico. Um dos retratos de Paula Gomes utilizados foi o feito pelo artista paranaense Estanislau Traple, em 1957, sendo o referencial para a proposta de se construir o retrato de Paula Gomes pelos alunos. Uma observação importante colocada neste momento, foi a reflexão de que não existem fotografias que mostrem como de fato ele era e que, geralmente, os artistas realizam pesquisas, além de usar seu imaginário e memória, para a criação.

---

<sup>5</sup> <http://arq.e-escola.pr.gov.br/pde2012/6041829-132.pdf>

Isto liberou os alunos a usarem sua criatividade, não se prendendo apenas à obra de Traple. Aspectos como o vestuário, a representação das tropas, das matas e o contexto da época, foi outro desafio para os alunos, tendo em vista que muitos nunca tiveram experiência com a vida no campo. Recorreu-se a livros e imagens para se construir o retrato. As informações históricas a respeito de Francisco de Paula e Silva Gomes, além da produção dos alunos encontram-se no *blog*, o qual possibilitou e possibilita o acesso de toda a escola ao estudo realizado. Desta forma, ressalta-se que ao se compartilhar um conteúdo em rede, extrapola-se a sala de aula e o ambiente escolar. Além de expor e comunicar preserva-se a memória do grupo que realizou os estudos, sendo também uma forma de fazer parte da história da escola.

### 3.1 A importância da memória no processo de construção da identidade escolar

A etapa em que se abordou a memória escolar e a memória individual envolveu os lugares de memória como a apreciação e estudo da letra do Hino e leitura das fotografias do acervo da escola, bem como do vídeo vinculado ao programa **Fantástico** da Rede Globo, no quadro **Retrato Falado**, apresentado por Denise Fraga entre os anos de 2000/2003. Neste momento, verificaram-se as inúmeras formas de se abordar o tema, não somente com os alunos, mas também com toda a comunidade escolar, pois o ato de lembrar traz a ideia de pertencimento. Com o passar do tempo há o esquecimento, por isso resgatar as histórias e os lugares de memória são fundamentais para sabermos quem somos e também para se preservar a memória escolar. Confirmando o pensamento de Aristimunha (2005, p. 45) de que a memória, “[...] nos situa, nos identifica, nos une a um grupo, nos dá segurança para seguir em frente e nos fornece subsídios para identificar relações de pertencimento”.

Observou-se em vários momentos da pesquisa, esse pertencimento desde a sala de aula com os alunos, mas ainda mais quando se compartilhou com aqueles que vivenciaram a história, as pessoas da comunidade escolar. Ao se apresentar o *blog* para os professores, direção e funcionários da escola, as emoções e

lembranças afloraram e trouxeram satisfação e alegria ao olhar daqueles que fizeram parte da história da escola. O que vem de encontro com estudos de Halbwachs (1990), quando ressalta que a memória é construída em grupo e que as lembranças pertencem ao coletivo em que estão inseridas. No grupo havia aqueles que estudaram na escola e participaram, por exemplo, do coral da escola e que foram testemunhas do episódio que é narrado no vídeo do programa **Retrato Falado**. Ao ouvirem o Hino e olharem as fotografias, surgiram lembranças pessoais, emoções e pormenores que nos foram narrados. Levantaram e deram seus depoimentos, além de cantarem o hino da escola. Para os que não participaram daquele momento, foi gratificante ouvir os relatos dos que viveram naquela época. Como diz a letra do Hino da escola: “um nome fulgura por tradição da galeria dos nomes que temos no coração”. Professores, uniforme da época, costumes, o rigor da disciplina, o amigo que estudava junto, enfim a escola em que se estudou faz parte significativa da construção da nossa identidade. Mesmo quem não estudou no C. E. Paula Gomes, mas que vivenciou histórias semelhantes, também compartilharam e aproveitaram daquele momento.

Halbwachs (1990) comenta que as memórias são construções sociais. Interessante destacar que não se restringe àqueles que fizeram parte do passado do colégio, mas também de quem constrói a História hoje. Os relatos e as reações dos alunos ao observarem a exposição na escola foram importantes para realçar as afirmações do autor, que nos alerta de que apenas preservar a memória passada de um grupo não é suficiente para que ela seja lembrada. É preciso que ela seja transmitida para as novas gerações através da adesão afetiva e não imposta.

No olhar dos alunos que participaram desta pesquisa, a curiosidade daqueles que querem saber como era a escola, como era o uniforme, os professores, as aulas, as carteiras. Foram muitos os questionamentos como, por exemplo, quando as alunas observaram fotos da aula de Educação Física. A partir desta observação, foram questionar a diretora por que naquela época as meninas podiam usar *shorts* curto para fazer aula de educação física e hoje não pode. Outra queria saber o que era patrono. Outros se surpreenderam como eram as ruas ao redor do bairro, pois não havia pavimentação na época. Observou-se que a entrada dos alunos da escola era pela rua lateral e hoje é pela rua central. Ainda perceberam como as roupas eram estranhas e diferentes das que usam hoje. E ainda o comentário de uma aluna

(K.) do 9º ano B, de 14 anos, que disse que gostava muito de ver fotografias antigas e que não sabia que a escola tinha fotos guardadas. Enfim, o objetivo de despertar o olhar e buscar variados objetos de memória se deu de modo impressionante. A partir desta sensibilização inicial pode-se discutir e explicar o contexto da época e começar as reflexões pertinentes ao entendimento do presente e da vida dos estudantes de hoje.

Ao se fazer a montagem das exposições dos trabalhos na escola, vem reforçar os apontamentos de Martins (2008) sobre o fato da experiência sensorial no museu ser única, pois somente com a presença do público se pode avaliar as reações como as falas, as emoções, as sensações e as reflexões diante do objeto exposto, reforçando e valorizando o vivenciar. Ao se observar o modo de apreciação na plataforma virtual, perde-se o contato com o público neste aspecto. O *blog* é um importante instrumento de pesquisa, de acesso, de interação, de preservação e conservação, porém não possibilita as sensações, o olhar e vivência de quem visita uma exposição num ambiente cultural ou museológico. São meios diferenciados e importantes de comunicação, apreciação, acesso e conhecimento, ambos enriquecem o aprendizado e a formação cultural dos estudantes.

A última etapa deste projeto foi à visita das turmas envolvidas neste estudo ao Museu Oscar Niemeyer (MON), no dia 13 de junho de 2017. Primeiramente fez-se o estudo e preparação para a visita, utilizando o material da Unidade III do Caderno Pedagógico, além de vídeos e gibis para ampliar o conhecimento deles e criar uma expectativa para a visita. Como já existe na escola a prática de ir a museus e a outros espaços culturais, muitos já conheciam o MON. Contamos com o apoio de uma educadora para a mediação, um momento gratificante de troca de conhecimento e aprendizado. Como alguns já tinham familiaridade com este espaço museológico, contribuíram com informações a respeito do museu e também da leitura das obras, demonstrando a relevância do museu na formação cultural dos estudantes e na ampliação de seus conhecimentos.

Uma das exposições que chamou a atenção dos alunos foi a do artista Rafael Silveira, intitulada **Circonjecturas**, principalmente devido ao seu aspecto mais lúdico e interativo. Outra que foi de grande importância para a elaboração da nossa produção artística foi: **A vastidão dos mapas** – arte contemporânea em diálogo

com mapas da Coleção Santander Brasil. A obra do artista Júlio Villani - **Ferme Intention**, de 2001, a partir das explicações da educadora, suscitou uma ligação desta obra com o que foi aprendido sobre a memória individual, pois o artista representou um coração humano e colocou nele várias referências da sua vida, como os lugares em que viveu, onde nasceu, enfim sua memória individual e coletiva. Posteriormente em sala de aula, trabalhamos com os alunos a criação de um desenho, tendo como ponto de partida a releitura da obra de Júlio Villani.

A forma do coração podia, na atividade proposta, ser substituída por outras, desde que simbolizasse lugares de memória, como no caso de uma aluna, que desenhou uma caixinha de música, livro, caixa e a cabeça de uma pessoa. Outro desenhou uma árvore e também o coração estilizado. Cada um pode expressar da sua maneira, escrevendo o nome de pessoas que eram importantes para eles, lugares que visitaram, a cidade onde nasceram e gostos pessoais como: nome de música, artistas, filmes, esportes, entre outros. Uma forma de representar as suas memórias.

### 3.2 A implementação da pesquisa com professores da rede

O projeto foi também desenvolvido com professores da área de Arte da Rede Pública de Ensino do Estado do Paraná, que participaram de um curso de formação à distância - Grupo de Estudo em Rede (GTR). Inscreveram-se 20 professores da área de Arte, residentes em diversas regiões do Paraná, sendo que a maioria era de cidades do interior do Estado. Iniciou-se no dia 3 de abril de 2017 e terminou no dia 22 de junho de 2017. Neste período, os materiais produzidos a partir desta pesquisa, como o Projeto de Intervenção Pedagógica e o Material Didático, foram disponibilizados na plataforma (*Moodle, e-escola*) da Secretaria de Educação do Paraná (SEED).

O GTR possibilitou a análise deste material e da proposta, bem como a troca de experiências com professores da Rede Pública de Ensino. Desta forma ampliou-se o conhecimento, com a contribuição e sugestões dos participantes, advindos das diversas linguagens artísticas como Música e Teatro, além de professores atuando

em museus. Outros enfoques para o trabalho foram a exploração de trilhas sonoras, a representação teatral sobre a biografia do patrono, além da análise de fotografias, atividades lúdicas de resgate cultural com brincadeiras, jogos, folclore, memória local e regional. Durante este curso, os professores participantes relataram outros estudos que já realizaram em sala de aula ou sugeriram referências bibliográficas, demonstrando como este tema pode ser ampliado para novas pesquisas.

A recepção da temática foi enorme e as contribuições valorosas. Ao se discutir a proposta com professores de Arte, houve um consenso quanto à necessidade do uso da tecnologia em sala de aula, do resgate da memória e da urgência em se acompanhar as inovações de nossa época no cotidiano escolar. O depoimento de (N.R.W., 2017) demonstra isto: “É muito válida a criação, no meio escolar, de um *blog* visando resgatar a identidade cultural local e também, inserir a comunidade na cultura nacional e mundial.” (2017). E também:

A implantação de um projeto que propõe atividades direcionadas, que mostram para o aluno uma nova forma de utilização da tecnologia, que proporcione contato com a memória do colégio, favorecendo a visita a museus e a exposições virtuais estimulando a aprendizagem em uma linguagem que os alunos se sintam integrados, o que torna a aprendizagem atraente (R. R. C, 2017).

De acordo com as discussões propostas nos fóruns, também salientaram que ainda existem aqueles que resistem às mudanças, mas que a maior dificuldade para o uso efetivo das tecnologias nas aulas se dá pela falta de condições estruturais da escola, principalmente pela falta de equipamentos e acesso a uma internet de qualidade. De fato, esta é uma questão que, embora seja repetitiva, mostra-se como um grande empecilho na aplicação de projetos de âmbito tecnológico.

Outro desafio na implementação deste projeto na escola, foi algo que já tinha sido previsto no relato da realidade escolar, compartilhado com este grupo. E que as condições das escolas são, com raras exceções, de acordo com os relatos de experiência dos participantes, muito parecidas, desestimulando muito o trabalho com as mídias. Nota-se também uma resistência com iniciativas e projetos que visem a inclusão digital dos alunos nas mídias digitais, como relatou uma professora, que, para utilizar o *blog* criado por ela, a solução foi criar uma rede com acesso a internet a partir do seu celular, pelo acesso 3G e 4G, devido às limitações da internet na escola em que leciona, com pouca velocidade e frequente queda de sinal.



A participação destes professores foi muito importante e pudemos observar que, apesar das dificuldades encontradas no dia a dia escolar, eles procuram, de alguma forma, proporcionar o contato dos alunos com museus e/ou centros culturais. Nas cidades do interior que não possuem instituições culturais ou espaços museológicos, já existe a prática de explorar museus virtuais com os alunos, quando é possível o acesso à internet. Verificou-se também, a partir destes relatos, uma carência de ações culturais e educativas nas cidades pequenas. O que vem de encontro das preocupações de Canclini (1998) quanto ao acesso da população de todas as classes e lugares à cultura. Os estudantes, assim como a população, praticamente ficam limitados ao seu meio, o que mostra a importância da tecnologia para ampliar os horizontes e navegar por outros lugares, mesmo que virtualmente, despertando o desejo, a curiosidade para quem sabe um dia, proporcionar a visita aos centros culturais, museus, teatros, etc. Assim, o blog, como as ações de Educação Patrimonial na própria escola, vem demonstrar que é preciso buscar no próprio contexto os objetos de memória, trabalhos de pesquisa que envolvam a escola, a cultura local, a cidade, o bairro, etc. Isso possibilita uma rica experiência, podendo criar exposições e atividades de resgate da identidade cultural.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Percebemos com este estudo e a partir da implementação do projeto de intervenção pedagógica em sala de aula, tendo como apoio o material pedagógico – produzido no formato de Caderno Pedagógico - o potencial de pesquisa sobre a memória. Verificamos como os professores que participaram do curso de formação em rede (GTR) já possuem algumas práticas muito criativas e relevantes para estimular e promover este tema no cotidiano escolar. A proposta mostrou-se de fundamental importância na construção da identidade, não somente com os alunos, mas também com toda a comunidade escolar, pois o ato de lembrar, traz a ideia de pertencimento. Como há uma tendência ao esquecimento de quem somos, há a necessidade de preservar as memórias que nos constituem.

Na medida do possível, mesmo com o término do PDE, pretendemos trabalhar ampliar esta proposta, procurando atingir um público mais amplo, não apenas da comunidade escolar. Proporcionar aos alunos e aos visitantes um novo olhar e

formas de trabalho sobre a memória. A troca de experiências e conhecimento com professores, alunos e comunidade trouxeram novas ideias. Os resultados obtidos apresentaram um campo de pesquisa muito vasto a ser explorado, como por exemplo, proporcionar a experiência de autoria com os alunos. Eles também experimentaram práticas museográficas e de curadoria ao elaborar seu projeto de exposição, selecionando a temática, pesquisando e produzindo suas postagens no *blog*, com a orientação e acompanhamento do professor, que fez o papel de mediador do processo.

O uso do ambiente virtual de aprendizado em rede, como a proposta do *blog*, demonstra ser uma ferramenta poderosa de caráter de autoria, que dá ao professor de qualquer área do conhecimento autonomia para exercer seu poder de criação e de pesquisa ao selecionar e direcionar os conteúdos e temáticas, possibilitando a interação e criação em conjunto com os alunos. Para isto, é necessário somente condições mínimas de acesso ao ambiente virtual. É um trabalho a ser desenvolvido a longo prazo, já que demanda tempo e muita pesquisa, porém é um instrumento que possibilita o arquivamento das informações de uma forma organizada e de fácil acesso. O que no futuro facilitará o trabalho, pois é um processo contínuo de construção e compartilhamento de informações e conhecimento.

## REFERÊNCIAS

ARISTIMUNHA, C.P. Lugares de Memória: Fotografia, Identidade, História e Patrimônio Histórico Cultural. **Logos**. Canoas, .n.1, p.43-52 mai/2005.

BASTOS, E.S. et al. **Introdução à educação digital**: caderno de estudo e prática. Brasília: MEC/SEED, 2008.

BIASUZ, M. C. V. Apropriações blogueiras no ensino da arte. No prelo

CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Edusp, 1998.

CHAGAS, M. **Museália**. Rio de Janeiro: JC Editora, 1996.

CRUZ, M. R. **Museus Reflexões**. Curitiba: SEEC, 1993.

CURY, M. X. **Exposição – concepção, montagem e avaliação**. SP: Anna Blum editora, 2005.

GIRAUDY, D.; BOUILHET, H. O museu e a vida. Rio de Janeiro: Fundação Nacional Pró-Memória; Belo Horizonte: UFMG, 1990.

FERNÁNDEZ, L.A. **Museologia y museografía**. Barcelona: Ediciones del Sarbal, 1999.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Edições Vértice. Editora Revista dos Tribunais Ltda, 1990.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas, SP: editora da UNICAMP, 1996.

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: editora 34, 1999

MARTINS, M. C. Mediação primeiros encontros com arte e cultura. In: \_\_\_\_\_; PICOSQUE, G. **Mediação Cultural para professores andarilhos na cultura**. Rio de Janeiro: Editora RBB Ltda, 2008.

MUSEUMS AND GALLERIES COMMISSION. **Planejamento de exposições**. São Paulo: Ed. USP, Vitae, 2001. (Série Museologia 2).

NASCIMENTO, J. Instituto Brasileiro de Museus. In: **Espaços da Memória: museus e acervos do Paraná**. Curitiba, PR: SEEC, 2010.

OLIVEIRA, E. V. **Apontamentos sobre Museologia**. Lisboa: junta de investigações do Ultramar, 1971.

PIMENTEL, L. G. Tecnologias Contemporâneas e o Ensino da Arte. In: BARBOSA, A. M.(org.). **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. São Paulo: Cortez, 2002

RIZZI, M. C. Caminhos Metodológicos. In: BARBOSA, A. M.(org.). **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. São Paulo: Cortez, 2002.

SEED/PR. Diretrizes Curriculares de Arte para a Educação Básica Disponível em:<<http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=1>> Acesso em: 20/06/2016.

SUANO, M. **O que é Museu**. São Paulo: editora Brasiliense, 1986.

VIANA . C. E. O uso de tecnologias é indispensável à aprendizagem? **Arte na Escola**. Disponível em:< <http://artenaescola.org.br/sala-de-leitura/artigos/artigo.php?id=69420>> .Acesso em: 15/06/2016

YUNES, Eliana (org). **Pensar a leitura**: complexidade. São Paulo: ed.Puc-Rio/Loyola, 2002.